A surprising continent

EDGARD TELLES RIBEIRO

Tensão no Rio — *Direção, Argumento e Roteiro: Gustavo Dahl. Fotografia: Antonio Luís Mendes Soares. Diretores de Produção: Luís Carlos Lacerda de Freitas e Fernando Silva. Cenografia: Carlos Artur Liuzzi. Figurinos: Rita Murtinho e Maria Beatriz Seixas Correa. Montagem: Gustavo Dahl, Aida Marques, Hercilia Cardillo. Música: Arrigo Barnabé. Som: Jorge Saldanha. Elenco: Anselmo Duarte, Norma Bengell, Nelson Xavier, Ana Maria Magalhães, Gracindo Jr., Dina Sfat, Ivan Cândido. Produção: Sombra Cinema e Comunicações Ltda. Distribuição: Embrafilme. Duração: 1h50. 1984.*

O acúmulo de funções na elaboração de um filme não chega a ser caracaterística exclusiva do cinema brasileiro. Mas pode ser evocado, em muitos casos, como uma das causas prováveis de alguns dos equívocos que chegam até nós. Trabalhando a partir de seus roteiros originais, muitas vezes obrigados a produzirem seus próprios filmes (senão, quem?), alguns de nossos diretores centralizam todos os cordões do espetáculo, abrindo mão de um trabalho coletivo por vezes essencial ao desdobramento de determinados temas. Quando, ainda por cima, o diretor-roteirista lida com temática que lhe é familiar apenas em linhas gerais, por afinidades intelectuais ou identidade ideológica — mas completamente estranha a nível da engrenagem — os equívocos de concepção acabam por bater na tela com enormes juros e correção monetária.

Não é por acaso que escritores ou roteiristas como Giorgio Arlorio, Franco Solinas ou Jorge Semprun são habitualmente convidados a colaborar com cineastas como Pontecorvo, Costa Gavras, Francesco Rosi ou Alain Resnais (no caso de *A Guerra Acabou*). Descartada a hipótese de que esses diretores careçam de capacidade para elaborar seus roteiros, impõe-se a tese de que o filme político — um veículo por definição multifacetado — só tende a ganhar em originalidade e densidade com o casamento de idéias e concepções. Afinadas ideologicamente, essas parcerias incorporam ao produto final texturas, detalhes, enfoques e até estilos necessariamente diversos, que enriquecem — por tensão — a matéria-prima a ser trabalhada. A ausência desses matizes é perigosa e, no caso específico de *Tensão no Rio*, de Gustavo Dahl, tem por conseqüência a transformação da realidade em caricatura, com prejuízo para ambas. E a América Latina não fica necessariamente mais terrível quando transformada em caricatura. Ao contrário.

O argumento (também de Gustavo Dahl, que além disso escreveu o roteiro, dirigiu, produziu e montou o filme) tem como ponto de partida a visita oficial ao Brasil do Chefe de Estado de Valdívia (um país latino-americano imaginário). No primeiro dia dessa missão oficial, que tem por objetivo a celebração de acordos bilaterais, notadamente na área de petróleo, um importante líder democrático de Valdívia, exilado no Brasil, morre vítima de uma explosão em seu carro. O mal-estar criado por esse acontecimento, que repercute na imprensa nacional e internacional como necessariamente criminoso, provoca uma ameaça de revolução em Valdívia e inicia um lento processo de implosão, política e pessoal, do ilustre visitante que insiste em permanecer no Rio de Janeiro, cumprindo sua agenda oficial.

Os integrantes de sua comitiva (esposa, embaixador, adido militar, chefe de segurança, assessores e motorista) desempenham papéis que oscilam da solidariedade passiva à traição aberta, passando pela ambivalência mais anárquica. A visita oficial, porém, prossegue e contra esse pano de fundo se desenrolam as diversas investigações para descobrir os culpados do atentado. O próprio ditador se apresenta como um dos maiores interessados na elucidação do caso, valendo-se, para tanto, de sua polícia pessoal, que atuará com notável desenvoltura em pleno Rio de Janeiro.

Dois outros personagens importantes estão incorporados ao filme. A primeira é uma bela e atraente diplomata brasileira, que passeia pela tela dando sigilosos telefonemas a um "senhor ministro", ou cochichando alertas para um misterioso "professor Victor" por meio de um *Walkie-talkie* (de bolsa), falas que sugerem delicadíssimos níveis de envolvimento do Governo brasileiro nas peripécias de seus convidados oficiais. As sugestões, porém, não encontram maior respaldo narrativo na própria ação do filme, e se limitam mesmo aos cochichos e aos codinomes ("A situação está muito confusa, professor Victor, Flores identificou Excalibur...") e aos sorrisos enigmáticos da bela diplomata ao encerramento de cada uma dessas sigilosas comunicações. *The plot thickens*.

O segundo personagem é um jornalista norte-americano, cujo livro de cabeceira é, literalmente, *All the President's Men*, e cuja ambição, resguardadas as devidas proporções, é desvendar esse "Latingate". Para isso ele correrá alguns perigos, escalará muros de Embaixada, entrevistará culpados e inocentes, e gravará

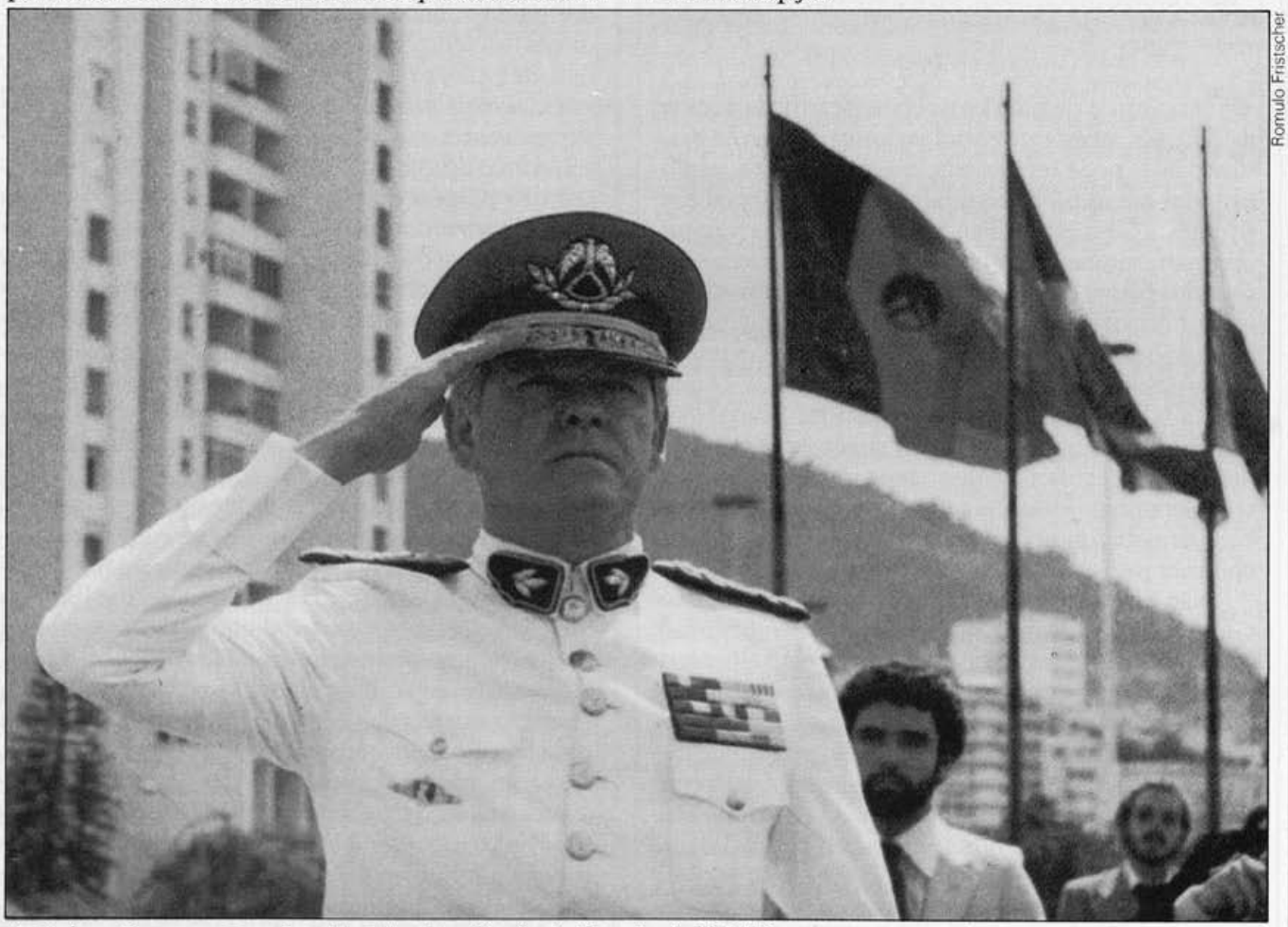
cenas de tortura, para admiração de nossa diplomata-Mata-Hari, com quem mantém um caso intermitente.

Outros personagens entram e saem de cena (incluindo um vidente), até que o Governo brasileiro exclama: Basta! E, diante do escândalo internacional causado pelas indiscrições do repórter americano, se vê forçado a (atenção) expulsar do Brasil o Chefe de Estado do país amigo. (Que quase devora nossa heróica diplomata quando informado, por ela, dessa grave decisão.)

Nesse meio tempo, o adido militar (que é o grande vilão da história, ou grande herói, dependendo das peculiaridades internas da política de Valdívia) invade a antiga Embaixada onde se hospedava toda a comitiva, à frente de um comando armado, e fuzila uma dezena de pessoas, provocando (com um tapa) um ataque cardíaco fatal no ditador.

Presume-se que esse adido militar, mancomunado com a Junta que acabara de tomar o poder em Valdívia, fora o autor intelectual do atentado ao líder democrático exilado. A imprensa brasileira, perplexa com as proporções dessa guerrilha de Valdívia em pleno Rio de Janeiro, recebe do adido militar as garantias de que tudo está sob controle. (Uma repórter ainda indaga, com enorme perspicácia, se essa matança não estaria, por acaso, relacionada ao atentado que abre a história.) O chofer de táxi que leva o jornalista americano ao aeroporto (rumo à América Central) exclama: não entendi nada! (Pudera!).

Exagero? Claro. Mas um exagero que leve ao delírio, e um delírio que leve ao transe, em uma catártica alegoria? Não. Até o exagero, a rigor, é mal exagerado. Sim, porque é provável, por exemplo, que alguns dos ditadores latino-americanos tenham sido infinitamente mais patéticos (ou mais trágicos, mais incompetentes, mais cruéis, mais covardes) do que o presidente da Valdívia imaginada por Gustavo Dahl. O que esvazia os personagens centrais, contudo, murchando como em um jogo de dominós todas as situações em que se vêem envolvidos, não é tanto o exagero, e sim a falta de sutileza cromática que deve forçosamente existir na paleta de um pintor que se proponha retratar o universo complexo de uma tirania em decadência. A redução dos personagens às dimensões de uma ópera bufa, por tentadora que seja como solução narrativa (à falta de outras), raramente é a maneira mais eficiente de se lidar com as injustiças ou absurdos que um filme político — porque, afinal, é disso que se trata — se proponha denunciar. Nem o trânsito livre entre a realidade e a alegoria pode aqui ser invocado para justificar essa opção.



Romulo Fristscher

Anselmo Duarte como Sua Excelência, Chefe de Estado de Valdívia...

O curioso é que o argumento poderia até ser despojado de seus aspectos mais mirabolantes, ter dado margem a algumas colocações interessantes, a começar pelo esforço de trazer para o contexto latino-americano uma série de discussões políticas em geral vistas, em nossa produção cinematográfica, sob uma ótica exclusivamente nacional. Nesse sentido, *Tensão no Rio* poderia ter estado para a política externa, assim como *Prá Frente Brasil*, seu contraponto recente, poderia ter estado para a política interna.

Independentemente do que se possa pensar do filme de Roberto Farias, é certo que a obra lida com uma situação objetiva, tratada de maneira linear, a partir de fatos situáveis em nossa história recente. É ficção com forte sabor documental, com pé, cabeça, referências conhecidas, etc. No caso de *Tensão no Rio*, porém, Gustavo Dahl se vê forçado a fazer ficção em um terreno que lhe deve ser pouco familiar. O risco é maior e a quantidade de imprecisões nas ênfases (sem falar nos diálogos que por vezes beiram o absurdo) infelizmente aumentam na mesma proporção. Que o jogo político internacional possa apresentar episódios por definição tortuosos (e daí instáveis, perigosos ou condenáveis) a história dos países mais avançados já revelara séculos antes da história dos países menos desenvolvidos confirmar. Ainda assim, porém (ou por isso mesmo), para se lidar com o tema convém, em primeiríssimo lugar, conhecê-lo profundamente. Não se improvisa uma semiparódia de América Latina, de Brasil, de política externa, sem que a cada uma dessas vertentes narrativas corresponda uma visão clara, definida, pesquisada, mastigada, digerida, negada — e finalmente recriada — dos temas que irão compor a história. E esse esforço em *Tensão no Rio* não aparece na tela porque provavelmente nunca esteve no papel.

A partir daí, sem ajuda de vidente, fica esclarecido o porquê da sensação de estranheza que se depreende do filme de seqüência a seqüência: quase todas soam falso. E as que poderiam funcionar, ilhadas por tanta improbabilidade, terminam por naufragar. O diretor Gustavo Dahl não parece ter prestado atenção às palavras que o roteirista Gustavo Dahl sentenciosamente colocou na boca de um diplomata americano, em um conselho dado ao seu compatriota repórter: "Don't underestimate Latin America. It is a surprising Continent".

EDGAR TELLES RIBEIRO é diplomata, cineasta, crítico e professor de cinema

---

Romulo Fristscher

... derrubado pelo tapa do adido militar Nelson Xavier.